

José Craveirinha vai exilar-se

Por Luís Nhachote

Savana 16/2/2001 p 31

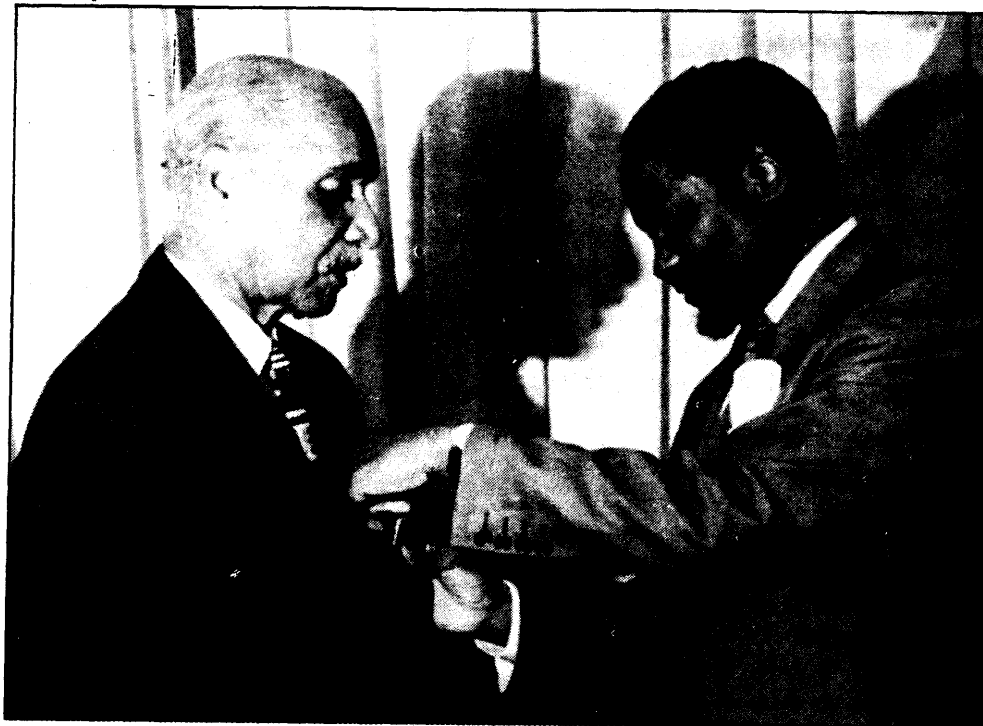
Dia sete. Quarta-feira os noticiários da emissora portuguesa "RDT-África" fazem manchete as declarações de Craveirinha captadas no canal TSF que o poeta aventa seriamente o exílio em Portugal e adquirir a nacionalidade portuguesa.

O Primeiro-Ministro; Pascoal Mocumbi, reagiu prontamente e superiormente "Craveirinha é um cidadão livre e pode adquirir a nacionalidade que quiser e se houvesse a cidadania do mundo, ele adquiriria-a e tornava-se cidadão do mundo".

O prémio Camões, autor de "Chigubo", "Karingana wa Karingana", "Cela I" "Maria", "Hamina e outros contos" e "Babalaze das Hienas" que esta mesma "RDP-África" na voz de Darwin Cardoso, quando fala dos mais, mais da lusofonia literária não faz menção ao poeta-mor Craveirinha, prémio Camões, mas sim a Mia Couto.

Meu Deus, que barbaridade, ainda não engolimos essa de "... na língua de Mia Couto..."

Darwin Cardoso e "RDP-África" Mia é grande, Craveirinha é mor. O poeta, também conhecido por homem dos vaticínios infalíveis



Maíta Ussene

Craveirinha: exílio em Portugal?

que em "... Sia-Vuma" e seremos viajantes/por conta própria/jornalistas/operários com filhas/também dançarinas de ballet/arquitectos/poetas com poemas publicados/compositores/e campeonos olímpicos "Sia-Vuma". (1) Escrito na então Lourenço Marques, trinta anos depois em Sidney esta Lurdes Mutola que ele levou-a e in-

centivou-a ao atletismo cortava a meta doirada., a nossa primeira campeã olímpica, o único "ouro" que falou português para júbilo de 17 milhões de moçambicanos e de toda lusofonia e África estava escrito. O poeta tinha predito. Então na época o poeta movido de crença e imbuído de nacionalismo fervoroso já via Moçambique a

caminho de uma irreversível independência, via os poetas, jornalistas, arquitectos, compositores...

Tudo estava escrito, tudo menos o exílio, pois sempre afirmou que nunca abandonaria a Mafalala, onde é um imbondeiro adorado e respeitado por todos, o que o move ao exílio tardio não vaticinado este a quem

Samora Machel queria-o na Sommerschild, e ele nunca quis abdicar da "sua" Mafalala quer casa na Sommerschild hoje? Como uma vez li numa entrevista que... Mijam em frente da minha casa... Onde é que não se mijam neste País? Está a chantajar de barriga cheia num País que a maioria vive abaixo da linha da pobreza. O teu papel, Zé, é existir e escrever como sempre fizeste.

Eduardo Mondlane, no "Lutar por Moçambique", capítulo quinto faz referência ao papel dos intelectuais, entre os quais Craveirinha, no rumo à independência. Mondlane diz: "Na poesia política dos anos quarenta e cinquenta predominavam temas: reafirmação da África como mãe-pátria, lar espiritual e contexto de futura nação; levantamento do homem negro..." No grito negro, Craveirinha conseguiu dar um dos mais vividos testemunhos de alienação e revolta que jamais foram escritos... vale a pena cita-lo por inteiro, porque é uma das obras mais importantes e influentes do tempo: Eu sou carvão/e tu arrancas-me/brutalmente do chão/e fazes-me tua mina/patrão eu sou car-

vão/ e tu acendes-me patrão/para te servir/eternamente como força motriz/mas eternamente não/patrão eu sou carvão/e tenho que arder sim/e queimar tudo com a força/da minha combustão/eu sou carvão/tenho que arder/na exploração arder vivo/ como alcatrão meu irmão/até não ser mais/a tua mina patrão/eu sou carvão/tenho que arder/queimar tudo com o fogo/da minha combustão/sim eu serei/o teu carvão patrão/(2).

... A obra de Craveirinha e dos seus companheiros, porém, influenciou e inspirou uma geração pouco mais jovem de intelectuais...()

A obra de Craveirinha fala por si. A Zé que te ouvi na rádio dizer que lá tem uma rua com o teu nome dizer-te como sempre chamas-te aos escribas, que os teus confrades, na última Assembleia-Geral da AEMO essa proposta já está encaminhada às estruturas de direito para teres uma rua com o teu nome. Se achas que o exílio é a melhor saída, vemo-nos em Lisboa. Phambeni!

Bibliografia:

(1) Karingana wa karingana Sia-Vuma, págs. 139, 140, 141

(2) Lutar por Moçambique A procura de um movimento nacionalista Págs. 117, 118, 119. ■